

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti  
Maria de Fátima Morethy Couto  
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas  
Outubro 2011





## **Apresentação de Mesa-redonda 9**

Moderador: Ana Maria Tavares Cavalcanti  
Escola de Belas Artes/UFRJ

A relação com a tradição não é unívoca, mas se faz em diversas direções. Para enfatizar tal complexidade, o Comitê Brasileiro de História da Arte propôs em seu XXXI Colóquio o tema das [Com/Con] tradições na história da arte. A proposta do eixo conceitual “coexistências, anacronismos, coesão e ambiguidade” foi estimular o pensamento sobre os caminhos não lineares da produção artística.

Em “Modelos para o ensino acadêmico de arquitetura: a coleção de obras raras do Museu D. João VI”, Denise Gonçalves contrapõe-se aos críticos que acusaram os arquitetos oitocentistas de falta de originalidade em sua relação com o passado. Expõe seu ponto de vista a partir do estudo que realizou sobre a coleção de obras raras do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ. Nesse acervo, Denise levantou trezentos e setenta títulos de publicações do século XIX especializadas em arquitetura. Analisando a coleção, ressalta a imensa diversidade de tendências aí representadas, em consonância com os debates em voga entre os arquitetos do período, “fruto das tensões entre as instâncias tradicionais e modernizadoras”. A variedade das referências mostra uma ausência de restrições a quaisquer temas, e os mais diversos estilos

são contemplados. Chamou minha atenção sua citação de Owen Jones que, em sua *Grammaire de l'Ornement* (1865), aconselhava aos arquitetos considerar todos os trabalhos bem sucedidos no passado como uma herança que serviria de guia para o “verdadeiro caminho”, um caminho novo e não uma cópia cega de modelos antigos. Nota-se que a relação com a tradição se fazia de forma complexa e rica. É também pertinente sua observação sobre a importância das ilustrações nessas publicações. Em todas elas, não há argumento que não esteja embasado nas imagens.

O texto de Marize Malta, “Aprender a ver: modelos para o decorativo nas Obras Raras do Museu D. João VI”, está em grande sintonia com o de Denise Gonçalves. Marize apresenta parte de sua pesquisa em andamento no acervo de obras raras do museu, enfocando as publicações dedicadas à decoração. Seu objetivo é entender como as instituições de ensino artístico no século XIX abordaram as artes decorativas. Até o momento, seu grupo de estudos levantou 165 títulos no acervo, o que demonstra a importância que a Academia dava a essa produção. Conforme Marize sublinha, a decoração ocupava um lugar de destaque na formação artística, e não havia uma separação clara entre arquitetura, belas artes e artes decorativas.

Assim como Denise, Marize observa que em todas as publicações estudadas a imagem é protagonista. É ela quem permite educar o artista e lhe traz o conhecimento necessário para seu trabalho criativo. Nesse sentido, é muito interessante sua citação sobre o livro de Louandre e

Ciappori (1858): “Esta obra é maior que cem livros, mais que cem bibliotecas. É um mundo que se encontra século a século (...) um imenso relicário histórico”. O mundo em suas dimensões histórica e geográfica “poderia ser sintetizado em coleções de figuras”.

A relação com o passado também está presente no texto de Maria do Carmo de Freitas Veneroso que escreve sobre a “Gravura em Minas Gerais: primórdios e desdobramentos”. Na introdução, a autora apresenta um breve histórico sobre a passagem da gravura como técnica de reprodução à gravura com autonomia artística. Em seguida, menciona a criação da Escola de Belas Artes (atual Escola Guignard) que na década de 1940 impulsionou o ensino da gravura inserindo-a na produção cultural de Belo Horizonte. A década de 1960 também é enfocada devido à importante atuação de artistas no ensino, dentre esses João Quaglia, Anna Letycia e Fayga Ostrower, assim como a criação de diversos núcleos, oficinas e ateliês livres dedicadas à gravura. O foco de Maria do Carmo é a apresentação da obra de quatro artistas mineiros contemporâneos que utilizam a gravura (tradicional ou ampliada) em sua produção: Clébio Maduro, Tânia Araújo, Tales Bedeschi e Camila Otto. Em sua análise do trabalho desses artistas, enfatiza as relações com o tempo, a memória e a nostalgia. Os resquícios, rastros de um passado que se apaga, são impulsionadores da criação e nos conectam novamente com os artigos de Denise e Marize que, como vimos, também trabalham a relação da arte com o passado.

Finalmente, Angela Grando apresenta reflexões sobre a arte de Helio Oiticica. Inicia seu texto, “A lacuna do objeto e/ou inter-relações no ‘habitar’ o espaço da obra de arte”, com uma revisão sobre as mudanças conceituais da arte na passagem do tempo moderno ao contemporâneo. Recorrendo a Argan, situa a produção artística das décadas de 1960 e 1970 no impulso de diluição da arte na vida. Estudos de Hans Belting, Arthur Danto, Hal Foster, Michael Fried e Anne Cauquelin são citados para enriquecer o pensamento sobre o rompimento com a ideia de obra de arte estável. O trabalho de Helio Oiticica aparece então como um paradigma dessa ruptura. Conforme Angela expõe, Oiticica nos convida a assumir um papel ativo, propondo a participação na obra que se faz quando a experimentamos.

Ao final, Angela cita o trecho de uma carta de Helio a Mario Barata que nos pareceu muito significativo e dialoga com as pesquisas dessa mesa-redonda ao falar da memória. Escrevendo sobre *Tropicália*, trabalho ambiental de 1967, Oiticica comenta que “havia a sensação de que se estaria de novo pisando a terra”, uma sensação de estar na chácara ou caminhando pelos morros, pela favela. Vemos que a memória sensorial é essencial para a criação e para a fruição no “habitar” o espaço da obra de arte.

Na história da arte se dá com frequência a coexistência de produções artísticas que por uma lógica linear estariam distantes no tempo ou no espaço. A mesa-redonda que reuniu os trabalhos de Angela Grando, Denise Gonçalves, Maria do Carmo Veneroso e Marize Malta confrontou

produções de arte de períodos diferenciados. A proposta do eixo conceitual “coexistências, anacronismos, coesão e ambiguidade” é plenamente realizada nas pesquisas apresentadas que enfocam as ambiguidades na relação da arte com a tradição.

